

A/R/TOGRAFIA E UM ENCONTRO ENTRE PAULO FREIRE E BELL HOOKS¹

Bárbara Deeke²
Letícia Ferreira Mariano³
Tharciana Goulart da Silva⁴

RESUMO

Este texto parte do projeto de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” desenvolvido na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) junto ao curso de Licenciatura em Artes Visuais. O projeto criado em 2025 traz como questionamento “*Quais possibilidades se abrem para pesquisas no Ensino das Artes Visuais a partir de conceitos pedagógicos presentes nas obras de Paulo Freire e bell hooks articulados por meio de uma abordagem a/r/tográfica?*”. Fundamentado nas pesquisas de Freire (2023, 2024a, 2024b), hooks (2021, 2024) e Dias; Irwin (2013), o escrito apresenta um levantamento bibliográfico tendo como foco a compreensão e a aproximação dos conceitos de Pedagogia Engajada (bell hooks), práxis (Paulo Freire) e a/r/tografia. Sendo a a/r/tografia uma metodologia educacional baseada em arte, onde os papéis do artista, professor e pesquisador encontram-se, buscamos evidenciar nesta investigação uma apropriação pelas artes visuais dos conceitos elencados criando uma interlocução dos autores pesquisados com a prática a/r/tográfica. Para tanto, apresentamos possibilidades artísticas para reflexão e desenvolvimento de uma Pesquisa Viva, que por sua vez, consiste em um processo de investigação permanente, que gera novos questionamentos ao passo que sana outros. Neste contexto, o artigo aborda resultados parciais de uma pesquisa em andamento que vem sendo realizada por duas estudantes de iniciação científica e pela professora coordenadora do projeto.

Palavras-chave: Licenciatura em Artes Visuais, A/r/tografia, Práxis, Pedagogia Engajada, Iniciação Científica.

INTRODUÇÃO

A criação do projeto de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” se inicia como continuidade da tese “Coletas Docentes: uma leitura a/r/tográfica” da professora

¹ Esse artigo é resultado do projeto de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” do Departamento de Artes Visuais, Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e está vinculado ao grupo de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas”.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, babideeke@gmail.com ;

³ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, marianoleticia530@gmail.com ;

⁴ Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, tharcianagoulart@gmail.com ;



Dra. Tharciana Goulart da Silva na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Os diálogos com os autores bell hooks e Paulo Freire já estavam presentes dentro da tese, mas não eram o foco principal da investigação, e foram vinculados ao projeto de pesquisa, a fim de ampliar as conexões de práticas artístico-pedagógicas baseados nos conceitos de práxis, Educação como Prática da Liberdade, Pedagogia Engajada e Comunidade de Aprendizado com a abordagem a/r/tográfica.

O projeto de pesquisa traz como pergunta central “*Quais possibilidades se abrem para pesquisas no Ensino das Artes Visuais a partir de conceitos pedagógicos presentes nas obras de Paulo Freire e bell hooks articulados por meio de uma abordagem a/r/tográfica?*”, e abre espaço à diversas práticas artístico-pedagógicas através de investigações que perpassam as subjetividades de cada pesquisador. Neste caso, serão apresentados os desdobramentos das investigações no âmbito da iniciação científica que vêm sendo desenvolvidas pelas graduandas da quinta fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais: Bárbara, que pesquisa o conceito de Pedagogia Engajada a partir dos estudos de bell hooks, e Letícia, que articula sua investigação ao conceito de e práxis a partir do pensamento de Paulo Freire.

A metodologia deste artigo se baseia em uma revisão bibliográfica dos autores e conceitos elencados, além do uso da própria abordagem a/r/tográfica para o desenvolvimento dos projetos artísticos-pedagógicos propostos pelas bolsistas. Vale ressaltar que, neste texto estão apresentados resultados parciais sujeitos a alterações e desdobramentos por se tratar de um projeto que perpassa a perspectiva de Pesquisa Viva.

A/R/TOGRAFIA

A/r/tografia é uma metodologia de pesquisa educacional baseada em artes (PEBA) sistematizada pela pesquisadora canadense Rita L. Irwin e seu grupo de estudos que se caracteriza pela intersecção das figuras de artista, pesquisador e professor (em inglês: Artist, Researcher & Teacher, respectivamente, formando a sigla inicial do nome da metodologia A/R/T como metáfora). Irwin estruturou essa metodologia em busca de preencher lacunas que se apresentavam nas pesquisas de arte quando se utilizava sistemas de pesquisas das ciências naturais, que não englobam a prática artística e, por vezes, docente. A metodologia consiste em um processo de Pesquisa Viva, a qual acompanha a vida do a/r/tógrafo como ponto de partida para a composição da investigação, isso quer dizer que a pesquisa está em constante desenvolvimento e não se encerra ao sanar o primeiro questionamento, sempre buscando novas aberturas. A respeito disso, Dias e Irwin (2013, p. 29) dizem: “É uma Pesquisa Viva



porque se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas.”

Na a/r/tografia compreende-se que não é possível separar as experiências vividas como artista, pesquisador ou professor, pois elas estão interligadas e se nutrem uma do processo da outra. Essa intersecção permite que a investigação seja rica em experiências que tornam a pesquisa mais profunda, pois “Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor é viver uma vida de consciência, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que nos coloca, intencionalmente, em posição de perceber as coisas diferentemente.” (Dias; Irwin, 2023, p. 124)

Outro fator importante para a a/r/tografia são os questionamentos e resultados da investigação. Geralmente ela se inicia com perguntas introdutórias, que guiam o rumo da pesquisa, no entanto, podem mudar ou se expandir em novas indagações pois, como mencionado, a a/r/tografia é um processo de Pesquisa Viva que

[...] destina atenção ao processo, porque não somente os resultados são importantes, mas também a vivência do desenvolvimento em sua integridade. [...] É ao gerar movimento que novas questões são encontradas. Movimento é a palavra-chave. [...] Uma pesquisa viva precisa ser vivida, fazer parte da vida e de seus interesses. (Silva, 2022, p.126)

Além disso, a a/r/tografia é interpretativa e criativa ao engajar o leitor na elaboração dos resultados, pois cada um leva um pouco de si para a leitura, podendo interpretar e construir a pesquisa conjuntamente (Dias; Irwin, 2013)

Assim, o método a/r/tográfico se caracteriza como um tipo de pesquisa qualitativa inventiva ao utilizar a coleta de dados que geralmente não são utilizadas em métodos tradicionais de pesquisa, pois “[...] desafiam nossas noções naturalizadas e conservadoras de se fazer educação e pesquisa.” (Dias; Irwin, 2013, p. 147). Alguns exemplos são:

[...] entrevistas, artigos jornalísticos, diários de campo, coleções de artefatos e documentação fotográfica, mas também pode incluir qualquer forma de pesquisa artística, como pintura, composição de música e escritura de poesia, e pesquisa educativa, como artigos jornalísticos de estudantes, diários do professor, narrativas e entrevistas com pais de família. (Dias; Irwin, 2013, p. 147)

Essa dinâmica faz com que as pesquisas sejam frutíferas em conteúdo, e demonstrem o caráter subjetivo envolvido em grande parte dessas investigações.

Por seu caráter inventivo, uma das características principais da metodologia é que “[...] imagem ganha o mesmo patamar de importância em relação à escrita.” (Luciana, 2024, p. 134), pois tanto a imagem como o texto se sustentam como fontes “[...] por se complementarem, se refutarem e se salientarem uma à outra (IRWIN, 2010)”. (Dias; Irwin,



2023, p. 121). Essa união forma uma diversidade de compreensões, uma vez que a imagem por si só gera um significado, o texto sozinho outro, e os dois juntos, um terceiro, fazendo com que as percepções obtidas pelo leitor ao se deparar com a pesquisa sejam diversas.

Muitas das pesquisas a/r/tográficas utilizam de *renderings* que são conceitos metodológicos guias para a investigação, chamados “espaços teóricos”. Não é imperativo a utilização desses espaços nas pesquisas, mas podem ser interpretações que auxiliam no processo investigativo, interligados à condições de relacionalidade. São divididos em 6, aos quais Dias e Irwin (2023, p. 36, grifo do autor) caracterizam:

A **Pesquisa Viva**, [...], é uma maneira de tornar-se no mundo. **Contiguidade** é a relação entre e ao largo de identidades, arte e grafia, teoria e prática. **Aberturas** residem nesses entrelugares (‘e’) e sugerem, metaforicamente, que pode haver rachaduras, rupturas, lágrimas ou incisões no que percebemos. As aberturas nos ajudam a ver além do que é naturalizado, presumido dado como consumado. Ao usar **Metáfora/Metonímia**, a/r/tógrafos podem fazer o que sentimos compreensível e acessível a outros. **Reverberações** retratam o movimento entre muitas conexões, representa a tensão e o impulso para se conectar, construir, trabalhar em rede. E, finalmente, o **Excesso** é um aviso para olharmos para o que os outros têm deixado de lado, ignorado, rejeitado. É um lugar rico em recursos para estudarmos.

Isso posto, entendemos a a/r/tografia como uma metodologia que abrange diversidades e subjetividades presentes nas áreas da arte, pesquisa e educação. Não é somente uma metodologia “preto no branco”, mas sim de cinzas coloridos que surgem com as experiências que vivemos, pois abarca características de Pesquisa Viva, que acompanha a figura do investigador como ferramenta valorosa, pois cria espaços de intersubjetividade e relacionalidade entre as formas de ser e estar no mundo. Com isso, as investigações adquirem significados do “ser artista, ser professor e ser pesquisador [...] abrindo-os – entre tais identidades e todas as possibilidades de atuação, no espaço ENTRE ser um professor/pesquisador que pensa esteticamente e produz poéticas” (Luciana, 2024, p. 133), transitando pelos “entre-lugares” “[...] onde os significados residem na utilização simultânea de linguagem, imagens, materiais, situações, espaço e tempo” (Dias; Irwin, 2013, p.107, apud IRWIN; SPRINGGAY, 2008).

UM ENCONTRO COM PAULO FREIRE - por Letícia Mariano

O projeto de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” abarca uma investigação que busca realizar conexões entre a metodologia a/r/tográfica com os estudiosos Paulo Freire e bell hooks e se divide em dois subprojetos para a bolsa de iniciação científica, sendo o selecionado pela bolsista Letícia Mariano o intitulado “A/r/tografia e diálogos com



Paulo Freire”. O plano de trabalho envolve a pesquisa de dois conceitos principais das obras de Paulo Freire, práxis (abordado nesse artigo) e Educação como Prática da Liberdade.

Paulo Freire, nascido em Pernambuco em 1921, é uma das figuras brasileiras mais conhecidas no que diz respeito à Educação. Hoje é patrono da educação brasileira, mas durante o período ditatorial brasileiro teve que se exilar do Brasil devido sua luta política junto ao povo por uma sociedade mais livre e justa. Foi nesse período também que ele escreveu uma de suas obras mais relevantes, a “Pedagogia do Oprimido”, de 1968.

Em grande parte de sua bibliografia, Freire realiza uma análise estrutural da sociedade, olhando principalmente o sistema de opressão. A chamada educação bancária, a qual realiza “depósitos” ou “comunicados” sobre os alunos, e não os ensina a construir um pensamento crítico acerca da realidade em que vivem, é uma das formas em que ocorre a opressão. Para superá-la, o autor coloca como proposição o exercício da práxis. Segundo Freire (2023, p. 52) a práxis é “ reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”.

Um dos fatores importantes para que se concretize a práxis autêntica é pelo diálogo, o qual permite que os oprimidos percebam a situação de opressão em que se encontram e, com isso, a superem. Vale ressaltar que a práxis e o diálogo são elementos valiosos para uma educação libertadora, uma vez que os alunos desempenham um papel ativo em seu ensino se tornando conscientes e críticos da realidade. Para a metodologia a/r/tográfica também é importante o diálogo entre professor e aluno para a transformação da realidade. Irwin e Springgay (2023, p. 136) explicam que “Através de uma perspectiva dialógica, os professores podem se engajar em atividades independentes e socialmente transformadoras por meio da prática teorizadora”. Essa prática nada mais é que práxis em ação conjuntamente aos alunos, que relaciona-se com os conceitos de Paulo Freire, no que diz respeito ao caráter comunitário da libertação, pois "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (Freire, 2023, p. 71).

Um outro ponto de encontro percebido entre Freire e A/r/tografia é o entendimento da prática docente como pesquisa. Segundo Tourinho (2023, p. 72) a “[...] docência é uma prática atrelada à pesquisa e, ao mesmo tempo, de que a pesquisa é uma prática que fundamenta, organiza e renova a docência [...]”. Aliado à isso, Freire (2024b, p. 30) explica que

Fala-se hoje, com insistência, no professor-pesquisador. No meu entender, o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em



sua formação permanente, o professor se percebe e se assume, porque professor, como pesquisador.

Isso significa que tanto a A/r/tografia quanto a pedagogia proposta por Freire entendem que a pesquisa é algo fundamental à prática docente, como condição uma para outra. No entanto, a A/r/tografia compreende também a figura do artista nesse conceito, uma vez que é uma metodologia baseada nas artes, enquanto Freire aborda o tema sob um viés geral às práticas pedagógicas. Também é necessário entender esse processo de ensino e pesquisa como algo que está em constante mudança. A educação como atividade humana, está sujeita a alterações, e faz com que o artista-pesquisador-professor precise estar atento à isso. Freire (2024, p. 95) compreende que “[...] o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, ‘interpretado’, ‘escrito’ e ‘reescrito’”, retomando a ideia de que a pesquisa deve estar sempre atrelada à docência”. Sobre isso, a abordagem a/r/tográfica propõe a investigação como uma Pesquisa Viva, pois acompanha as vivências daquele que ocupa o espaço de indagação curiosa, como uma forma de “ser e tornar-se no mundo” (Irwin, 2023, p. 36), reconhecendo-se como sujeito da história, e não meramente objeto, tornando a transformação uma possibilidade.

Esse reconhecimento também é uma forma de investigação, ao passo que, olhando para si, percebe como “está sendo” e não como é, pois “Significa reconhecer que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável” (Freire, 2024b, p. 20, grifo do autor). Se é condicionado e não determinado, percebendo-se no mundo, voltamos novamente à mudança. Aí está a práxis como resultado de uma investigação sobre si e ação sobre como “está sendo”. No entanto, um ponto importante para se compreender é que essa mudança nunca se acaba, pois “[...] tornar-se nunca chega a um fim, pois tornar-se é um processo contínuo inerente ao processo de conhecimento-através-da-investigação” (Irwin, 2023, p. 155), o que implica uma constante releitura de si mesmo e do mundo.

Por isso, pensar sobre como exerço minha prática docente é práxis, uma vez que reflito sobre *como eu era* (minha experiência discente), *como estou sendo* (graduanda em fase de Estágios Curriculares) e *como posso ser* (futura professora), colocando em ação essa investigação e as novas formas de *poder ser*.

Meu projeto artístico-pedagógico em desenvolvimento na bolsa de iniciação científica surge desse questionamento: como minha experiência discente influencia minha experiência docente? Ele parte de um interesse que surgiu após realizar o primeiro Estágio Curricular



Supervisionado, com o desenvolvimento de um projeto artístico pensando nas “marcas docentes”⁵ deixadas *em mim e por mim* (Imagem 1). Com isso, esse questionamento se estendeu em pensar nas produções artísticas de professores de arte na rede de ensino pública de Florianópolis (SC) como um ato de resistência política às demandas exaustivas relatadas por esses profissionais, e como essas produções se encaixam em suas práticas docentes. A partir disso, estão previstas entrevistas com professores para o aprofundamento do tema e o desenvolvimento de carimbos com palavras que esses professores caracterizam a docência, a fim de explorar mais a ideia das “marcas docentes” comentada anteriormente.

Imagem 1- Marcas Docentes



Fonte: Produção do autor, 2025.

Desse modo, entende-se que o projeto desenvolvido está baseado em uma abordagem a/r/tográfica por envolver características pessoais de uma artista-pesquisadora-professora, com as subjetividades de outras práticas artístico-pedagógicas. Ele abre possibilidades de se repensar as práticas docentes a partir dos questionamentos de como fomos educados e como queremos educar. É também práxis ao colocar em prática ação e reflexão sobre a docência para a transformação da forma que eu a exerço e abandonando padrões bancários herdados de meu ensino escolar.

UM ENCONTRO COM BELL HOOKS - por Bárbara Deeke

Glória Jean Watkins, mais conhecida por seu pseudônimo bell hooks, foi ativista política antirracista e pelos direitos das mulheres, professora, teórica e escritora. Durante sua infância, hooks estudou em escolas segregadas e contou com professoras profundamente engajadas com sua educação, porém, em seus escritos, conta que, com o processo de dessegregação, passa a estudar em escolas afastadas de sua comunidade e com professores brancos reforçadores do estereótipo racista. Mais a frente em sua trajetória intelectual e acadêmica, estabeleceu diálogo com importantes pensadores da educação crítica, dentre eles

⁵ Projeto artístico desenvolvido na disciplina de Procedimento Gráficos, na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), sob orientação da professora Dr. Juliana Crispe.



Paulo Freire, a quem reconhecia como uma referência fundamental e uma espécie de mentor, cuja obra influenciou sua prática pedagógica e pensamento teórico. A partir dessas vivências, a autora teoriza e faz da “pedagogia engajada” o conceito central de sua trilogia relativa à educação, sendo abordado pela primeira vez no livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (2024).

A pesquisa poético-pedagógica aqui discutida nasce da participação na bolsa de iniciação científica, com projeto de pesquisa intitulado “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” e investigação a partir do plano de trabalho “A/r/tografia e diálogos com bell hooks”; que visa aproximar os conceitos abordados pela autora, nesse caso “pedagogia engajada” e “comunidade de aprendizado”, da metodologia a/r/tográfica. A partir da revisão bibliográfica realizada até o momento, cheguei a conclusão de que o conceito de comunidade de aprendizado é intrínseco ao de pedagogia engajada, pois para que se possa engajar com os alunos deve-se, primeiramente, criar comunidade. Desse modo, decidi me aprofundar na primeira ideia, por sua importância na obra de hooks e por também ser possível trabalhar “comunidade de aprendizado” e outros conceitos a partir do tema.

A pedagogia engajada é um conceito elaborado, principalmente, na “Trilogia do ensino” de bell hooks, composta pelos livros “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.” (2024), “Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática.” (2025) e “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.” (2023). É uma abordagem da educação que compreende o processo pedagógico como ético, político e relacional. Mas não apenas isso, ela nasce da vontade amorosa do professor de promover crescimento intelectual e crítico em seus alunos e se nutre do empenho de estar em constante autoatualização.

Ao analisar as obras elencadas, foi possível relacionar os conceitos citados com a a/r/tografia, pois ambas as teorias rompem com a ideia de ensino distanciado e reconhecem o professor como ser integral em de sala de aula. Hooks, defendendo a união entre mente, corpo e espírito, e assim, humaniza a figura do professor, entendendo-a como parcial, repleta de experiências e multicultural, se opondo a personalidade autoritária, de inquisidores oniscientes e silenciosos, antes adotada por muitos dentro da academia. E Rita L. Irwin, busca integralizar a figura de professor como artista e pesquisador sem limitar a experiência do ser a uma única atuação, abraçando a ideia de que uma única pessoa pode também ser múltipla e a experiência em cada área de vivência influencia na outra, não sendo possível assim realizar uma separação rígida entre o teorizar, o fazer e o viver, pois

Quando adotamos a/r/t como mestiçagem, estamos adotando uma imagem que é Modernista, mas também Pós-Modernista. Não se trata de pensamento dicotômico,



mas sim de pensamento dialógico, relacional e perceptivo. Trata-se de viver nas fronteiras, nos espaços entre e dentre artistas, pesquisadores e professores. (Dias; Irwin, 2013, p. 128)

Com isso, é notável que as autoras também defendem a ideia de que o conhecimento nasce do encontro entre pessoas, a favor do compartilhamento e da criação de comunidade, transgredindo as fronteiras que cerceiam tanto alunos como professores e os levam a permanecer em um meio de aprendizado como linha de produção, onde o conhecimento é apenas depositado nos estudantes, sem a possibilidade de argumentação ou pensamento crítico acerca dessa atuação (hooks, 2024). Por fim, as duas teorias desenvolvem sobre a importância da troca de narrativas de vida em sala de aula, algo que será muito importante para minha prática pedagógica futura.

Minha pesquisa poética pessoal envolve relações familiares, um olhar para si e para aqueles que vieram antes de nós. Utilizo metáforas para representar pessoas importantes de minha família e insiro-as em meus trabalhos, também me apropriando da ideia de portais como janelas para a memória dentro das produções, o que por si só se relaciona com a perspectiva a/r/tográfica de paisagens de memória e janelas desenvolvida por Tatiana Fernández (2013, p. 209):

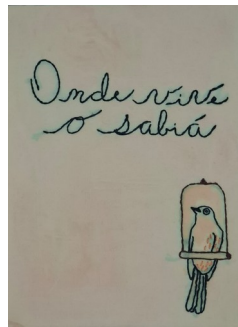
[...] minhas paisagens são representações do espaço e da sua ocupação e como representações requerem um distanciamento, um rompimento, uma fratura, uma abertura espacial e temporal. As janelas são metáforas desta abertura. não há janela sem paisagem nem paisagem sem janela, seja paisagem, seja janela que for. .

Em minha pesquisa, vejo o luto, ou também a memória, como essa possibilidade de abertura. A título de exemplo, trago o trabalho que fala sobre meu avô materno, no qual utilizo a figura de um sabiá para representá-lo, pois durante toda minha infância ele me cantava a música “Sabiá lá na Gaiola” de Hervé Cordovil e Mário Vieira, assim associei a imagem “Seu” Ary Alves (meu avô) a do pássaro descrito na canção. Por meio de 12 poemas e 12 linogravuras produzi um livro⁶ (Imagens 2 e 3) que fabula histórias de tudo que esse sabiá vive e pode viver, criando um imaginário de tudo aquilo que “Seu” Ary não teve chance de experimentar, além de inventar possibilidades daquilo que compõe um sabiá, embaçando fronteiras do que é sabiá e do que foi Ary.

⁶ Projeto artístico desenvolvido na disciplina de Procedimento Gráficos, na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), sob orientação da professora Dr. Juliana Crispe.

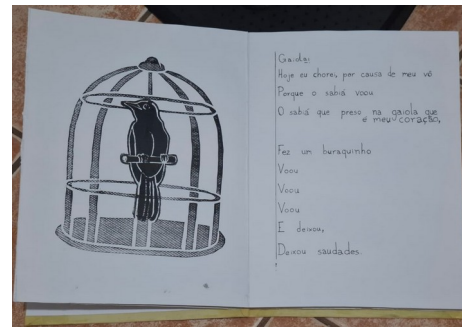


Imagem 2 - Capa do livro



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 3 - Páginas 2 e 3



Fonte: Arquivo pessoal

Quero relacionar a ideia de construção de metáforas a partir de saudades com práticas pedagógicas que possam envolver a pedagogia engajada e a a/r/tografia, além criar uma comunidade de aprendizado a partir das histórias de memória que eu e os alunos queiramos contar, pois tanto hooks (2025), como Irwin (2013) defendem o mérito que a contação de histórias pode ter dentro de sala, pois quando o docente compartilha seus relatos pessoais, os alunos se sentem mais confortáveis e podem iniciar a contribuir ao longo das aulas com suas experiências de vida, pois “Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula.” (hooks, 2025, p. 89)

Dessa forma, compreendo que a articulação entre a pedagogia engajada de bell hooks e a a/r/tografia amplia as possibilidades metodológicas no campo educacional, e potencializa a construção de espaços de aprendizagem mais sensíveis, críticos e humanizados. Ao integrar experiência, criação artística e reflexão teórica, torna-se possível constituir uma comunidade de aprendizado em que o conhecimento emerge das relações, das narrativas e do reconhecimento mútuo entre os sujeitos envolvidos. Trata-se de uma pedagogia que, ao mesmo tempo que forma, também acolhe, escuta e transforma tanto a quem ensina, quanto a quem aprende.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos a importância da experiência de participar de um projeto de pesquisa na iniciação científica, como uma forma de adentramento à vida acadêmica. Isso se torna ainda mais valioso quando essa oportunidade vem aliada à metodologia a/r/tográfica, pois nos possibilita desenvolver investigações que envolvam nossas experiências. Além disso, a iniciação científica, juntamente ao projeto “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas” e participação no seu grupo de estudos, nos possibilitou um aprofundamento nas obras de Paulo Freire e bell hooks, autores tão relevantes para a educação.



Traçamos relações entre a/r/tografia e os autores elencados, com Paulo Freire, onde o diálogo encontra-se como forma de engajamento entre professor e aluno, a pesquisa que está atrelada à docência e a educação como caminho do “perceber-se no mundo”, e com bell hooks em que se rompe com a ideia de ensino distanciado e se reconhece o professor como ser integral dentro de sala de aula, defendendo a ideia de que conhecimento nasce do encontro entre pessoas e não é feita separação rígida entre o teorizar e o fazer/viver. Realizando esses diálogos, expandimos nossos conhecimentos e construímos novas formas de pensar as práticas artístico-pedagógicas. Com isso, pretendemos analisar como se expandem as possibilidades pedagógicas no âmbito das Artes Visuais.

Durante a pesquisa surgiram novos questionamentos, os quais refletem sobre “*Como as experiências discentes influenciam as experiências docentes?*”, “*Como os professores da rede pública de Florianópolis associam suas produções artísticas com as práticas pedagógicas?*”, “*Quais histórias de memória e afeto os alunos contam?*” e “*O que é preciso para criar uma comunidade em sala de aula?*”. Gerando novas ativações para a continuidade da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constrói seu espaço na comunidade acadêmica ao articular novas formas de se pensar práticas artístico-pedagógicas, ao traçar diálogos entre a/r/tografia, práxis e pedagogia engajada através de estudos dos autores Paulo Freire, bell hooks e Rita L. Irwin e do projeto de pesquisa “A/r/tografia: práticas pedagógicas e poéticas”, ao apresentar duas perspectivas de trabalhos a/r/tográficos em desenvolvimento.

O estudo da a/r/tografia em artes visuais é importante para desafiar as convenções tradicionais de pesquisas acadêmicas lançando um olhar para questões que anteriormente não seriam válidas, mas que nas pesquisas a/r/tográficas ganham sentido. A metodologia é relativamente nova no campo acadêmico e o trabalho aqui desenvolvido, junto a outras pesquisas a/r/tográficas de colegas do grupo de estudos do projeto, fortalece sua presença no campo de investigação científica em artes, gerando embasamento para que novos olhares possam se nutrir e levar o estudo de artistas-professores-investigadores a novos horizontes.

REFERÊNCIAS

BORRA, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. 22. ed. Conceição da Ferreira: Andarilha Edições, 2020. 213 p. ISBN 978659918571-7 (Livro digital). 700 CDD (22. ed.).



DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. (org.) **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. (org.) **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2023.

FERNÁNDEZ, Tatiana. Paisagens híbridas. *in*: DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. (org.) **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. Cap. 14, p. 207-220.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2025.

SILVA, Tharciana Goulart da. **Coletas Docentes: uma leitura artográfica**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2022.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em Arte educação: o que está (como vejo) em jogo?. *In*: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria- RS: UFSM, 2023. Cap. 4, p. 71-80.

